Aparatos :: Hipócrates :: Sobre o riso e a loucura

# Pretas

Hipócrates de Cós (Cós, 460--Tessália, 377 a.C.) é considerado o pai da medicina ocidental e criador da escola médica de Cós. Seu tratado *A Doença Sagrada* é um marco na história da ciência, uma vez que defende uma medicina racional que refuta a ideia de que a epilepsia era uma possessão divina. Segundo ele, o corpo não poderia ser contaminado por um deus, deixando de lado inúmeras crenças da medicina praticadas até seu tempo. Hipócrates relacionou as características climáticas e as enfermidades que atacavam o corpo no *Ventos, Águas e Lugares*, e seus *Aforismos* são conhecidos como uma grande síntese do seu pensamento. Sua influência é tão ampla que até hoje os médicos, ao cabo de sua formação, pronunciam o famoso *Juramento de Hipócrates*, reverenciando os valores que a medicina hipocrática estabeleceu. O texto em questão é um documento pseudoepigráfico, ou seja, não foi escrito pelo punho do próprio Hipócrates, mas, uma vez que o seu vocabulário o circunscreve no período em que o próprio *Corpo Hipocrático* foi reunido, ilustra o pensamento médico e literário helenístico, a partir de um encontro entre Hipócrates e o filósofo Demócrito.

*Sobre o riso e a loucura*, também conhecido como o *Riso de Demócrito*, narra uma suposta viagem de Hipócrates à cidade de Abdera para curar o filósofo Demócrito, que, rindo de tudo e de todos, é considerado louco pela população da cidade. A cena é cômica e trágica: Demócrito, no diálogo com Hipócrates, zomba da condição humana de seu tempo, especialmente da ganância e dos grandes vícios; ao mesmo tempo, o suposto louco se empenha, justamente, em escrever um tratado sobre a loucura, pondo tal noção em xeque: onde estaria a verdadeira loucura, na população, com seus vícios mundanos, ou em Demócrito, que se concentra na compreensão e na imperturbabilidade? A invenção das Cartas é fruto de um exercício retórico acerca do encontro fictício entre os sábios, que, ao defenderem teorias fisiológicas distintas, nos apresentam por meio do campo dialógico criado um interessante retrato da melancolia. Ao final deste volume, o apêndice *Acerca da Arte* [*da medicina*] é uma apologia à arte médica. Diante de acusações céticas, que atribuem a cura à pura sorte, e os fracassos somente aos médicos, o tratado busca exatamente ampliar a dimensão da medicina para outras instâncias além do trabalho do médico.

Rogério Gimenes de Campos é historiador, mestre e doutor em filosofia antiga pela Universidade de São Paulo (USP). Professor adjunto de Filosofia Antiga da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e do eixo de Filosofia para o Ciclo Comum de Estudos (CCE). Além de *Sobre o riso e a loucura*, traduziu também o *Fedro*, de Platão (2018).

# Orelha

A cidade de Abdera, seus habitantes e seu conselho estão transtornados: o filósofo Demócrito tem dado sinais de insanidade. Exatamente ele, que prometia imortalizar a cidade pela sua sabedoria, agora se entrega à solidão, esquecido até de si mesmo, rindo de acontecimentos graves ou insignificantes. A felicidade do casamento, o sucesso no comércio, as grandes decisões públicas, a morte dos concidadãos, a tristeza: tudo é objeto do riso de Demócrito.

Para tratar desse mal da alma –– a loucura? –– Abdera conta com a ciência de Hipócrates, médico experimentado que se corresponde com outros sábios, a fim de se preparar para enfrentar não apenas a suposta enfermidade que afetou o filósofo, mas sua contundente argumentação. Para Demócrito, seus conterrâneos é que perderam a razão: gananciosos, mergulhados em vícios, perdidos em desejos e vaidades, eles é que estão completamente malucos.

Precursor de obras como *O elogio da Loucura* (1511), de Erasmo de Roterdã, *Dom Quixote de la Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes, *O alienista* (1882), de Machado de Assis, e *A história da loucura* (1961), de Michel Foucault, *Sobre o riso e a loucura* é um conjunto de doze cartas fictícias que compõem um exercício retórico acerca do encontro entre os sábios que, ao defenderem teorias distintas, nos apresentam, por meio do diálogo epistolar, um retrato atual da melancolia, por meio da investigação dos limites entre sanidade e insanidade, loucura e razão.

# Quarta capa (algumas opções)

## Trecho 1

Tu achas que há duas razões para o meu riso, uma boa e outra má, mas na verdade eu rio de uma só coisa relativa à humanidade, a falta de razão que *preenche* o homem, ou, em outras palavras, a *vacuidade* que há nas suas ações corretas, nos seus desejos pueris, na inutilidade de seus sofrimentos infindáveis, percorrendo os limites da terra em uma busca desmedida, fundindo ouro e prata, nunca parando de adquiri-los, sempre atormentados por ficarem plenos. E ninguém tem vergonha de se dizer feliz, cavando, como um escravo, sua cova com as próprias mãos.

**Trecho 2**

Esses homens amorosos da terra visível são engraçados em sua desmesura, sempre empenhados nos labores subterrâneos e clandestinos. Há também os que compram cães e cavalos para percorrer todo o seu território, delimitando-o como particular. Esses homens desejam dominar muita coisa, sem, entretanto, dominarem-se a si mesmos.

**Trecho 3**

Os homens empenham-se no casamento, mas logo em seguida suas mulheres são abandonadas, pois as amam, e, logo depois, as execram, e assim sucede também com os filhos, que desejam tê-los, mas, tão logo estejam crescidos, são abandonados. Que empenho vazio e irracional é esse que não difere em nada da loucura?

## Trecho 4

Pela grande maldade, os homens sempre estão se mudando e desejam ter o que não têm. Quando conseguem o que querem, escondem tudo, ainda que percam tudo em seguida. Eu rio das más ações, aliás, gargalho mesmo desses infortunados, homens que transgridem os decretos da verdade, amigos da rivalidade odiosa, da disputa contra parentes, sejam filhos, sejam concidadãos. E ainda não desejam receber a morte, a qual creem ser uma tirana. Matam-se, vivem uma vida sem leis, desprezando amigos e a pátria em dificuldade. De coisas indignas e sem vida imaginam enriquecer-se, comprando imagens esculpidas que lhes parecem dizer algo, e, para completar, desprezam quem lhes diz a verdade.

## Trecho 5

Por que censurarias o meu riso, Hipócrates? Não há ninguém que seja capaz de rir de sua própria ignorância.